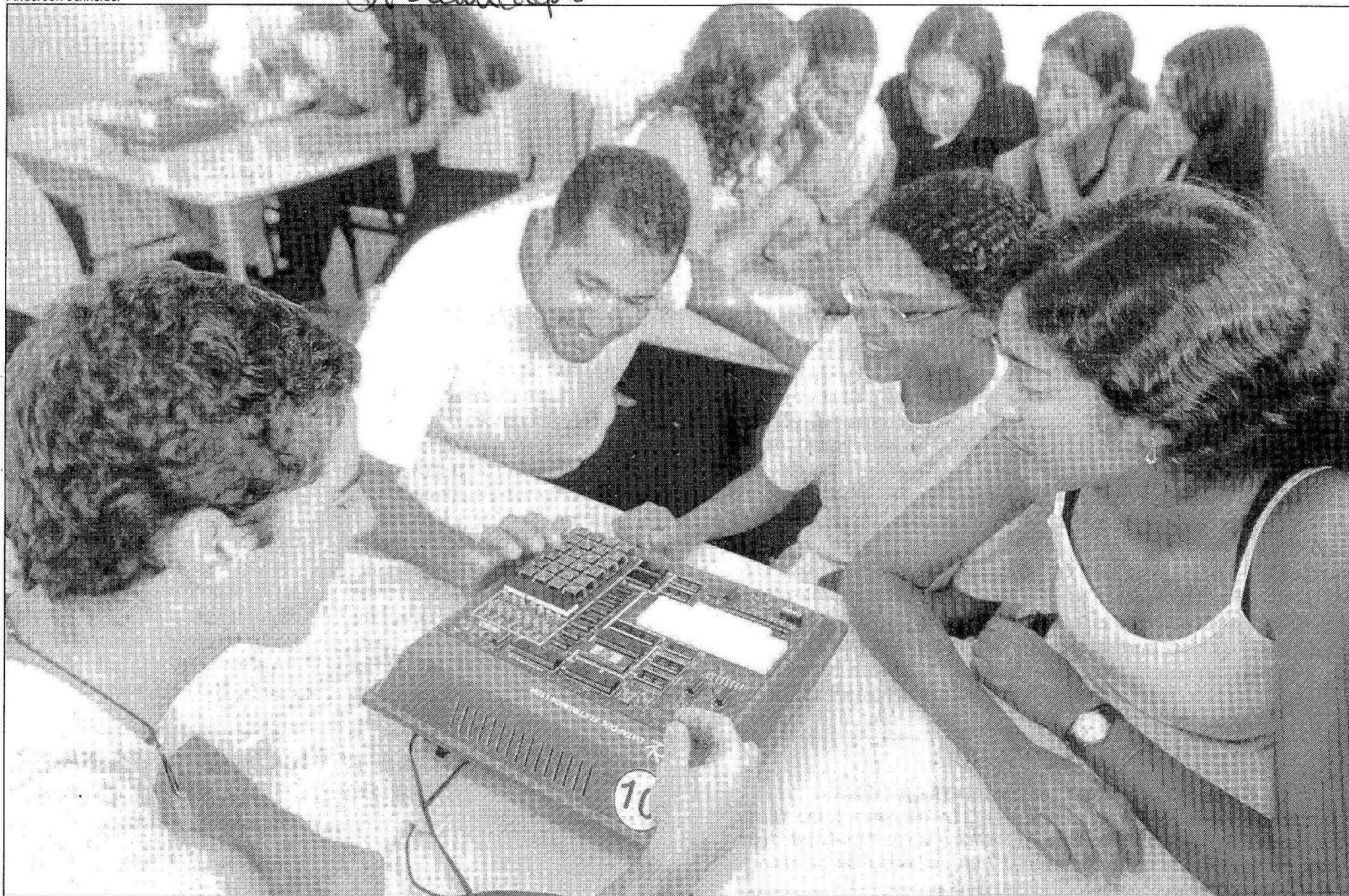




Os alunos reclamam da lotação excessiva nos 23 laboratórios de diversas disciplinas, alguns ainda em fase de instalação, pois só usam três deles

Falta de professor encurta a semana de aulas na ETT

Escola Técnica de Taguatinga tem apenas 28 dos 50 profissionais de que precisa para suprir os cursos profissionalizantes

Cibelle Colmanetti
Da equipe do **Correio**

O fim de semana começa mais cedo para os alunos do 4º semestre de Informática Industrial da Escola Técnica de Taguatinga (ETT). Os estudantes podem fazer seus próprios programas para a quinta-feira à noite, pois ninguém tem aula no outro dia. O motivo: falta de professores. O colégio, localizado no bairro Areal, tem atualmente 28 professores para 1.371 alunos, divididos em três cursos profissionalizantes. Mesmo ocupando parte dos horários vagos, os profissionais não conseguem suprir a demanda.

A ETT oferece aulas nos cursos de Informática Industrial, Eletrotécnica e Eletrônica nos turnos matutino, vespertino e noturno. Desde o dia 1º de março — quando começaram as aulas em toda a rede oficial de ensino — não há quem ministre aulas de disciplinas específicas como Ter-

modinâmica, Eletricidade, Instalações Elétricas, entre outras.

“Nosso maior problema são recursos humanos”, reconhece o vice-diretor da escola, Antônio Magno Matias Pereira. Segundo ele, seriam necessários 50 professores — com carga horária de 20 horas semanais — para suprir toda a carência do colégio.

“A falta de professores prejudica tanto os alunos quanto a reputação da escola”, afirma Ezequiel Soares Vieira, 25 anos. Morador de Samambaia, ele está no quarto semestre de Informática Industrial e, como os colegas Ladielle da Silva e Eliedi Gabarão, tem apenas cinco das sete aulas semanais do curso.

POUCAS AULAS

Os três voltaram a estudar há um mês e ainda não assistiram a nenhuma aula de Termodinâmica e Organizações e Normas 2. Por conta disso, nem precisam aparecer no colégio às sextas-feiras, dias reservados

para as duas disciplinas. “Estamos preocupados, pois, se não tivermos aulas, teremos de atrasar nosso estágio para completar a parte teórica do curso”, afirma Eliede, 25 anos, morador do Paranoá.

A preocupação do aluno é comum aos colegas que estão no 4º semestre dos cursos profissionalizantes. Este é o último período de aulas teóricas. No 5º semestre, os estudantes devem fazer estágio em empresas — etapa obrigatória para o recebimento do diploma. Se não tiverem concluído todas as aulas, não poderão partir para a parte prática. “O problema é que já estamos devendo a matéria de Microprocessamento 1”, diz Ladielle, 19 anos.

Por conta da falta de professores, os alunos reclamam também da lotação excessiva nos laboratórios. A escola dispõe de 23 laboratórios das mais diversas disciplinas — alguns ainda em fase de instalação. “Nós acabamos usando só uns três, pois não há responsáveis para cuidar das outras salas. Aí fica todo mundo espremido, sem aprender direito”, diz a estudante Ladielle.

Com turnos de três horas e meia de duração, a ETT também oferecia turmas de dependência e plantão de

dúvidas. Ambos, no entanto, ainda não voltaram ao funcionamento. Os 28 professores da escola são forçados a ter jogo de cintura e assumir mais turmas enquanto não ganham o reforço de outro companheiros. Gabriel Antônio dos Anjos, 34 anos, professor de Eletrotécnica, é responsável por nove turmas durante sua jornada de 40 horas semanais. Normalmente, deveria ficar com seis, no máximo. “A gente acumula mais trabalho porque não pode deixar o aluno sem aulas”, conta.

A Escola Técnica de Taguatinga já enviou pedido para a contratação temporária de professores à Divisão de Pedagogia da Fundação Educacional do Distrito Federal, à qual está vinculada. Aliás, até já realizou uma seleção prévia dos professores aptos para os cargos, terça-feira da semana passada.

Os nomes agora serão analisados pela FEDF, que deve providenciar a admissão. “Estamos apostando que o transtorno seja resolvido até o fim de março. Tanto que já começamos a estudar a escala de reposição de aulas”, garante Antônio Magno.

Até o fechamento desta edição, a FEDF não havia respondido à equipe de reportagem do **Correio**.